



PSICANÁLISE E NEUROCIÊNCIAS

Jean-Jacques Pinto

► **To cite this version:**

Jean-Jacques Pinto. PSICANÁLISE E NEUROCIÊNCIAS. Les mardis scientifiques d'Aubagne, Nov 2011, Aubagne (13400), Bouches-du-Rhône, France. <halshs-01101941>

HAL Id: halshs-01101941

<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01101941>

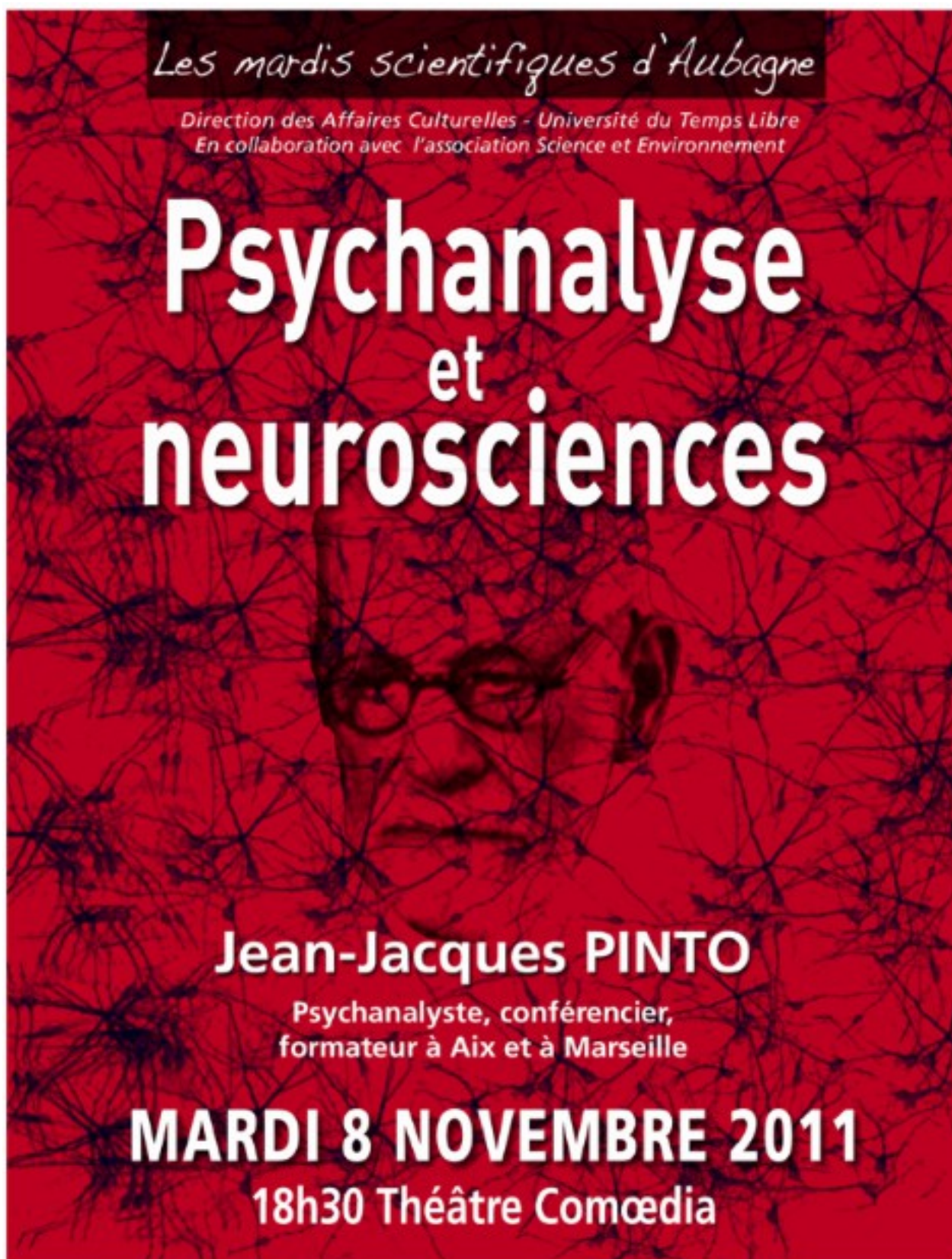
Submitted on 10 Jan 2015

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Copyright

Resumo da conferencia « PSICANÁLISE E NEUROCIÊNCIAS »



Les mardis scientifiques d'Aubagne

Direction des Affaires Culturelles - Université du Temps Libre
En collaboration avec l'association Science et Environnement

Psychanalyse et neurosciences

Jean-Jacques PINTO
Psychanalyste, conférencier,
formateur à Aix et à Marseille

MARDI 8 NOVEMBRE 2011
18h30 Théâtre Comœdia

ENTRÉE LIBRE
Rens. 04 42 18 08 06

AUBAGNE
ce qui nous rapproche
nous mène loin

Mme Heloisa Grobman a eu l'amabilité de réviser ma traduction en portugais du texte ci-dessous. Qu'elle en soit ici vivement remerciée.

(A conferencia « Psicoanálise e Neurociências » foi feita por Jean-Jacques PINTO na terça-feira, 8 de novembro de 2011 a as 18h 30 no Teatro Comoedia em AUBAGNE, Bouches-du-Rhône, França)

PSICANÁLISE E NEUROCIÊNCIAS

**Conferencia de Jean-Jacques Pinto, psicanalista,
No teatro Comoedia de Aubagne, terça-feira 8 de novembro de 2011**

ARGUMENTO :

Destacando a especificidade de cada um dos dois enfoques quanto à abordagem do psiquismo humano, o conferencista intenciona, designadamente apoiando se entre outras coisas numa analogia simples e num método original de análise de discurso, demonstrar isso :

Contrário às posições dogmáticas (acompanhadas da rejeição mútua) que emanam dos incondicionais partidários entrincheirados em seus respectivos territórios, trabalha nas pontes e possibilidades de cooperação frutífera entre neurociências e psicanálise.

Entende como condição essencial para este diálogo que seja redefinido o que nunca deveria ter deixado de inspirar ambas : o enfoque científico, considerado ao mesmo tempo

— nas suas variantes adaptadas às ciências da natureza e às ciências humanas,

— e na sua preocupação de demonstração e de refutação no que se refere tanto ao caso específico como à lei geral.

INTRODUÇÃO : fazemos o inventário das posições sobre este tema.

I) Os dogmáticas enfrentam-se

Informa-se de « grande debate às vezes mortífero » entre partidários do homem como máquina e do homem como unicamente « mente e idéias ». Fala-se também de « luta fratricida » etc.

— Vê-se do lado das neurociências os reducionistas do « homem neuronal »: a arquitetura cerebral é pretendida por ela dando conta de todo o funcionamento psíquico. « O cérebro segrega o pensamento assim como o fígado segrega a bÍlis », a circulação dos mediadores químicos no cérebro bastaria para explicar qualquer funcionamento mental.

Os partidários do materialismo filosófico recusam a existência de um princípio imaterial, e a mente é concebida como manifestação de fenômenos fisiológicos regidos pelas leis da física.

O eliminativismo considera que nossa compreensão cotidiana do mental é um erro radical e que as neurociências revelarão um dia que os estados mentais não se referem à nada real. Para alguns, o conceito de consciência será eliminado pelos progressos das neurociências. O eliminativismo foi suplantado pelo computacionalismo, teoria que concebe a mente como um sistema de processamento da informação e compara o pensamento à um cálculo, mais precisamente à aplicação de um sistema de regras.

Segue aqui um rodeio metodológico com os seis enfoques identificados por J. Herman : o enfoque *positivista*, os enfoques *compreensivos*, o enfoque *dialético*, o enfoque *funcionalista*, o enfoque *estruturalista* e o enfoque *praxeológico*.

O positivismo deve reconhecer-se como um dos ramos do materialismo.

Algumas palavras sobre o positivismo de Freud...

— Existe por outro lado reducionistas entre os que trabalham com psicanálise, psicanalistas refugiando-se nas esferas etéreas de um psiquismo desencarnado, reunindo-se por ali ao misticismo e às pseudociências.

II) Estas duas atitudes reducionistas, dogmáticas são vãs. Seria então necessário recorrer aos partidários da convergência entre neurociências e psicanálise ? Estas são pseudo-convergências :

— A de F. Ansermet e P. Magistretti (**neuroplasticidade**) que consideram que hoje a biologia deve saber colocar-se à serviço da psicanálise e a psicanálise à serviço da biologia. Querem “reintroduzir o sujeito na biologia”.

— A da **neuropsicanálise**, pseudo-convergencia muito bem refutada por Laurent Vercueil.

III) Nossa posição : existem dois objetos diferentes e complementários explorados por duas modalidades diferentes e complementárias na investigação científica

De feito, vamos esquematicamente encontrar uma combinatória de posições sobre o tema :

UM ÚNICO OBJETO

INCOMPATIBILIDADE

Um único objeto por reducionismo pois o outro objeto e o outro enfoque são desqualificados

COMPATIBILIDADE

Um único objeto sob dos ângulos diferentes (neuroplasticidade, neuropsicanálise)

DOIS OBJETOS

INCOMPATIBILIDADE

Dois objetos diferentes, pelo tanto de enfoques incompatíveis (Chaperot, Celacu e Pisani)

COMPATIBILIDADE

Dois objetos e dois enfoques diferentes e complementares (nossa posição)

A) Volta sobre o computacionalismo

Teoria que concebe a mente como um sistema de processamento da informação e compara o pensamento à um cálculo e, mais precisamente, à aplicação de um sistema de regras. O computacionalismo não pretende que qualquer pensamento se reduza à um cálculo deste tipo, mas sim que seja possível compreender certas funções do pensamento seguindo este modelo. É uma síntese entre o realismo intencional que afirma a existência e a causalidade dos estados mentais (enfoque **compreensivo**) e o fisicalismo que afirma que qualquer entidade existente é uma entidade física (enfoque **positivista**).

Pois esta teoria não é necessariamente um materialismo : mesmo se o pensamento se apóia num suporte material (o cérebro), pode-se estudá-lo sem preocupação com este suporte (diferentemente de um certo enfoque materialista reducionista corrente nas neurociências) : uma mesma idéia pode expressar-se por suportes físicos muito diferentes (pela voz, sobre papel, sobre uma parede, sobre um computador, etc.). Nesta medida, o computacionalismo se assemelha à um conductismo metodológico : diferentemente do

conductismo ontológico, não afirma que não existem estados mentais.

B) Vygotski elabora uma teoria das funções psíquicas superiores graças ao método genético, concebido como uma « historia social», quer dizer (teoria sobre a « excentração » de Leontiev) :

« As transmissões não são simplesmente de caráter hereditário mas também culturais ». A inteligência se desenvolveria graças às ferramentas psicológicas que a criança encontraria no seu meio ambiente, incluindo a linguagem (ferramenta fundamental). A atividade prática se interiorizaria em atividades mentais cada vez mais complexas graças às palavras, origem da formação dos conceitos. A linguagem « egocêntrica » da criança tem um caráter social e se transformará logo em linguagem « interior » no adulto. Ela seria um mediador necessário ao desenvolvimento e ao funcionamento do pensamento.

C) Argumento proporcionado pelas neurociências em si mesmas :

« As funções superiores do cérebro exigem interações com o mundo e com outras pessoas. ». O fenômeno de atrição consiste no fato de que os neurônios presentes no nascimento degenerariam se não fossem utilizados. Uma « conexão » com o exterior é necessária, e particularmente para o ser humano que não pode se desenvolver fora da linguagem e da cultura.

D) Nossa analogia ao computador, limitada e discutível, mas esclarecedora :

A mente esta ao corpo o que o programa (« software ») esta ao computador (« hardware »).

*assim como o computador quando sai da fábrica está quase vazio, pois podendo garantir uma diversidade de funções apenas se nele estabelecemos distintos programas, assim mesmo o corpo ao nascimento está equipado de funções psíquicas mínimas, mas a mente, com sua diversidade de funções, virá à ele somente através das contribuições do ambiente.

Quando sai da fábrica, o computador está equipado de sua placa eletrônica. Computadores idênticos adquirem competências diferentes (processador de texto, desenho, cálculo, música, etc.) em função dos programas que seus proprietários escolhem implantar neles. Assim, no nascimento, o corpo está equipado somente de seu equipamento hereditário. Crianças indenes de qualquer patologia hereditária ou congênita, eventualmente “idênticos” (verdadeiros gêmeos), adquirirão competências diferentes (língua, conhecimentos concretos e abstratos, regulação dos afetos, estrutura de personalidade...) em função das formas e conteúdos que seus “pais” (no sentido amplo) implantarão neles, em maior parte sem o saber..

*assim como o desenho, a fabricação, a manutenção e a reparação do computador são competência do técnico eletrônico, e não tem nada a ver com o desenho, a redação, a manutenção e a correção dos programas, que são competência do técnico informático, mesmo assim, a manutenção e as terapêuticas do corpo são competência da medicina, mas a mente em seu funcionamento normal ou perturbado é competência de profissões (psicólogo e psicanalista) que não devem nada à medicina, exceto por metáforas dependendo de fantasmas fáceis a por em evidencia.

“A circulação dos neurotransmissores no cérebro bastaria para explicar qualquer funcionamento mental”. Não, esta circulação permite e acompanha, sem mais, a execução dos programas mentais vindos do exterior. A possibilidade de ouvir por alto-falante o ruído do programa que se efetua no computador (veja E.E.G, imageria cerebral) não muda em nada o fato de que o programa é exterior desde o principio ao computador, construído com outras regras, e remodelável independentemente da sua implementação.

Há naturalmente limites à esta analogia...

IV) Como trabalhar de forma complementar : compartilhando-se as tarefas complementares

Existe acordo sobre a existência do determinismo entre as neurociências e a psicanálise, a qual postula o determinismo da vida psíquica (veja experiências em neurociências como as de Benjamin Libet).

A) « O cego e o paralítico » (fábula do fabulista francês Florian)

A ciência moderna (ciência galileana) combina empiricidade e formalização. Sua história é a de um movimento em direção à escritura lógico-matemática do Real tal como o exploram empiricamente as « ciências exatas ».

O discurso psicanalítico aparece conectado em derivação ao da ciência moderna que, com efeito, permite a aparição da psicanálise. Assim como a ciência o faz para o Real do mundo físico, ele desmente sem dúvida os enunciados unificadores quanto à descrição do psiquismo humano (subjetividade), mas Imaginário, inconsciente e fantasma continuam impregnando-o. A psicanálise, permitida pela ciência, é uma disciplina desimaginarizante, mas não é uma ciência.

A psicanálise moderna não tem nenhuma crítica pertinente à dirigir ao planejamento científico. Diz somente que a ciência necessitou até agora, para funcionar, dar a espalda à subjetividade, pois proibir à si, por construção mesmo, tomá-la por objeto de estudo. Digamos que a ciência é aqui « o cego ». Ela se cega para avançar, e tem êxito com isso.

A psicanálise, ela, « vê » a subjetividade mas « falta-lhe pernas ». Os discípulos se interessam somente pelos mestres, aos quais dedicam um culto anacrônico. Eles dormem nos lauros de seus iniciadores. Intransmissibilidade e segredo dos deuses fazem da psicanálise atual « o paralítico », já que falta-lhe « pernas » metodológicas para fazer avançar suas hipóteses.

Agora bem, ciência e psicanálise têm em comum o não-todo, o não-sentido, a dissolução da noção de ser. Elas caminham contra o Imaginário. Mas elas se comportam como irmãs inimigas (maior e menor), numa intercrista estéril às vezes de aspecto ideológico. A necessidade de uma negociação e de pontes se faz sentir.

Advogamos aqui modestamente por uma cooperação entre o cego e o paralítico.

A ciência descuidava o inconsciente. Mas não mais, com o inconsciente cognitivo, sendo que não é o mesmo que o inconsciente subjetivo (descrito detalhadamente no meu artigo sobre “Psicanálise e propaganda”, aqui :

http://analogisub.over-blog.com/pages/Psicanalise_e_propaganda_Topique_n111-4863602.html).

Exemplo : os experimentos com percepções infraliminares que favorecem a resolução de um problema, sem passar pela consciência.

Na França, o livro de Lionel Naccache em 2006 [« *L'inconscient à venir* », “*O inconsciente a advir*”] planta a questão das relações entre a perspectiva psicanalítica e a perspectiva “neurocognitiva”. Agora bem seus argumentos são em parte refutáveis.

*Naccache rende homenagem a Freud. Reconhece que a consciência não é toda a mente, mas pensa que o inconsciente de Freud é uma reassignação de funções que dependem em realidade da consciência. Nega a repressão, sem considerar que esta poderia ser obra do programa vindo do exterior, e não de os circuitos recorridos por o inconsciente cognitivo.

*Como a polícia em *A carta roubada* de Edgar Poe, Naccache não busca talvez no bom lugar, por tanto seus quatro inconscientes não podem coincidir com o de Freud.

*Se o inconsciente de Freud parece funcionar seguindo as leis do (pré)consciente, pode ser porque são as declarações conscientemente emitidas pelo entorno familiar que, interiorizadas, fazem sentir seus efeitos fora da consciência do sujeito.

*Como Naccache explica o ressurgimento pela hipnose o em análise de recordações muito antigas, “esquecidas”?

*Como Naccache explica o esquecimento “em directo” dos sonhos? Pelo inconsciente cognitivo ? Este esquecimento irrefreável, comparável ao esquecimento das consignas ditadas pela hipnose, é um

argumento em favor da repressão e do inconsciente subjetivo.

O inconsciente **subjetivo**, em relação à complexidade da linguagem, se baseia em outros fundamentos que o inconsciente **cognitivo**.

B) Critérios de cientificidade :

1) O planejamento científico com suas variantes

Parece apropriado rejeitar espalda a espalda dos defeitos caricaturais :

* O imperialismo das Ciências Exatas pretendendo colonizar as Ciências Humanas : número-rei e positivismo dos feitos.

— A estatística é objetável (p.ex. : os hieroglíficos, a palavra “régime” em francês) já que a linguagem humana não é um código biunívoco.

“Nos separamos pelo tanto de um ponto de vista amplamente estendido, segundo o qual só há ciência do quantificável. Diremos melhor : não ha ciência senão do matematizável, e ha matematização tão pronto como há literalização e funcionamento cego. ” Milner, J.-C. (1989). Introduction à une science du langage. *Des Travaux*. Seuil, Paris.

— É importante também redefinir o termo “feito” em ciência : a lingüística trabalha sobre corpus transcritos o gravados, portanto bem materiais.

* E o desenfoque artístico, o incluso autístico, dos que em Ciências Humanas e em psicanálise rechaçam qualquer formalização.

A solução poderia vir da lingüística, critério exterior para colocar de acordo os psicanalistas e os neurobiólogos, posto que os uns falam de inconsciente-linguagem e os outros não podem negar que haja linguagem, e que a própria ciência passa através da linguagem.

Imaginemos um índio Hurón (Voltaire, *L'Ingénu*, 1767) ante um computador ligado : não haveria necessidade de situar onde residem e como se executam os programas para constatar que se executam, utilizar-los e perguntar-se sobre seus princípios lógicos...! As descrições e análises lingüísticas sobre corpus funcionam muito bem sem que seja necessário saber como isso se realiza no cérebro !

* A análise logicista de Gardin e Molino : este é uma modelização lógica tão rigorosa como a das matemáticas, com :

.....validação *interna* dos modelos teóricos e das análises por expertos/peritos

.....validação *externa* de estas análises por a fabricação de *simulacros*.

* O estruturalismo, enterrado demasiado pronto, deve ser reabilitado à condição de livrá-los dos desastrosos efeitos da moda.

O enfoque estruturalista soluciona a oposição entre enfoque positivista em busca de feitos e enfoque compreensivo baseado na introspecção : há uma objetividade, uma materialidade logicizável do discurso do protagonista social, ou do falante, ou do paciente, independentemente da exatidão deste à que se refere. J.-C. Milner fala de « **galileísmo estendido** » :

« A sua maneira, o estruturalismo em lingüística é também um método de redução das qualidades sensíveis. As línguas naturais só tocam a matéria sensível pela forma fônica. Porém neste âmbito, o método tem efeitos óbvios.

Pode-se falar aqui de uma matematização estendida, rigorosa e forçada, mas também autônoma relativamente ao aparato matemático. A lingüística passou à ser nos anos 50 uma disciplina tão literal como a álgebra ou a lógica, mas independente delas, com êxitos empíricos para o conjunto das línguas naturais. Se comportava estritamente em ciência galileana. Galileísmo estendido baseado em uma matemática estendida, e estendido à objetos inéditos.

Este objeto era a linguagem, que separa a raça humana do reino da natureza. Do mesmo modo, a antropologia lévi-straussiana obtinha, com métodos comparáveis aplicados a objetos não-naturais – os sistemas de parentesco –, uma apresentação exaustiva, exata e concludente dos funcionamentos. O apoio que Lévi-Strauss encontrava na lingüística residia numa analogia dos procedimentos e especialmente dos pontos de vista constitutivos.

Sobre este fundamento, lingüística e antropologia, se desdobrou um movimento de pensamento cuja unidade metodológica e importância epistemológica não deixam lugar a dúvida. Que Lacan, cujo informe ao galileísmo é principista, e que colhe seu objeto mais do lado da cultura que da natureza, se acha contado no número dos estruturalistas, isso é eminentemente explicável. »

2) *O caso particular e a lei geral*

* Uma das críticas das Ciências Exatas à psicanálise se baseia na idéia errônea de que não há ciência se não do universal (Aristóteles)

* Agora bem, a lei estadística que resulta do método indutivo pode revelar-se, se à vemos, não pertinente quando a linguagem está em jogo.

* Pelo contrário, um análise exaustiva de um caso, se é materialmente comunicável, é igualmente generalizável e vale tanto como uma coleção de casos manejados pelo método indutivo.

3) *As “anali-ciências” e a Análise das Lógicas Subjetivas (A.L.S).*

« Anali-ciência » é um termo proposto pelo autor da A. L. S. (Jean-Jacques Pinto) em 2008.

Uma *anali-ciência* seria, segundo uma definição ainda provisória, uma disciplina híbrida entre psicanálise e ciência. Para justificar a criação deste termo, convém referir-se à possibilidade de um diálogo entre a ciência moderna e a psicanálise.

A A.L.S. poderia assim ser candidata à etiqueta de *anali-ciência*. Se agente define-la esquematicamente como uma “micro-semântica do fantasma”, este :

1. é um conceito que resulta de uma experiência « águas acima » (sessões de análise) ;
2. tem um esboço de formalização : $\$ \diamond a$; pode receber uma definição linguística ;
3. o eixo de que este conceito inclui uma série de freqüências verbais é demonstrável « águas abaixo » pela A.L.S cuja material é mostrável, por tanto testável. Os procedimentos de análise da A.L.S são por outro lado testáveis e reproduzíveis por qualquer pessoa manualmente, e simuláveis informaticamente.

A A.L.S. permite analisar em parte os dogmatismos antes citados, subtendidos por fantasmas que podem ser modelizados.

CONCLUSÃO

Propomos, para concluir, não opor as « ciências **duras** » da natureza às « ciências **brandas** » do homem, mas sim associar às ciências do **duro**, do « **hardware** » as ciências do **brando**, do « **software** » no estudo complementar dos dois pólos da interface característica do humano, da « condição humana » (André Malraux), estos dos pólos sendo :

— o cérebro como máquina biológica (o « biordenador »)

— o programa informático verbal humano (o « verbisoft », subdividido em « cognisoft » e « subjisoft »).

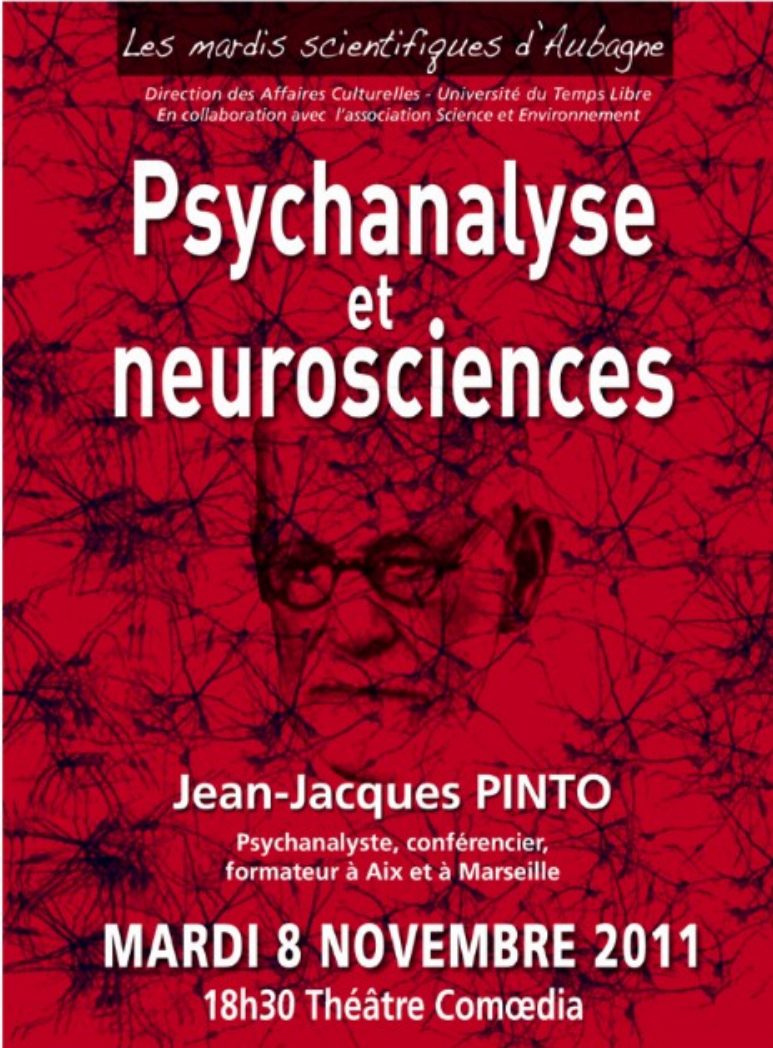
A interconecção tem lugar durante a infância, é o processo de identificação com suas duas vertentes : identificação cognitiva (« cognisoft ») e identificação subjetiva (« subjisoft »). Pode-se, para estudá-los (simulando-os), fabricar de todas as partes :

— « cognisofts », que dependem da *inteligência artificial* e que simulam o resultado da identificação cognitiva, por exemplo por « sistemas expertos », que diferem das redes neuronais de aprendizagem (que se poderia nomear « interfsofts » !)

— e « subjisofts », que inauguram a *subjetividade artificial* e que simulam o resultado da identificação subjetiva.

Não ha, como acreditam os positivistas ou seus adversários aficionados de paranormal, uma oposição binária *racional/irracional*, mas três termos : *racional/irracional/lógico*, este lógico (*Logos* !) estruturando de diferente maneira o racional e o irracional. E *a lógica do irracional*, é principalmente a psicanálise, quando está disposta a ser lógica !!!

Convidamos qualquer investigador inspirado pelo espírito científico à contribuir com o desenvolvimento destas anali-ciências.



Les mardis scientifiques d'Aubagne
Direction des Affaires Culturelles - Université du Temps Libre
En collaboration avec l'association Science et Environnement

Psychanalyse et neurosciences

Jean-Jacques PINTO
Psychanalyste, conférencier,
formateur à Aix et à Marseille

MARDI 8 NOVEMBRE 2011
18h30 Théâtre Comœdia

ENTRÉE LIBRE
Rens. 04 42 18 08 06

AUBAGNE
ce qui nous rapproche
nous mène loin